



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XIV — N.º 344 — Preço 1\$00  
11 DE MAIO DE 1957

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS  
Vales do correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

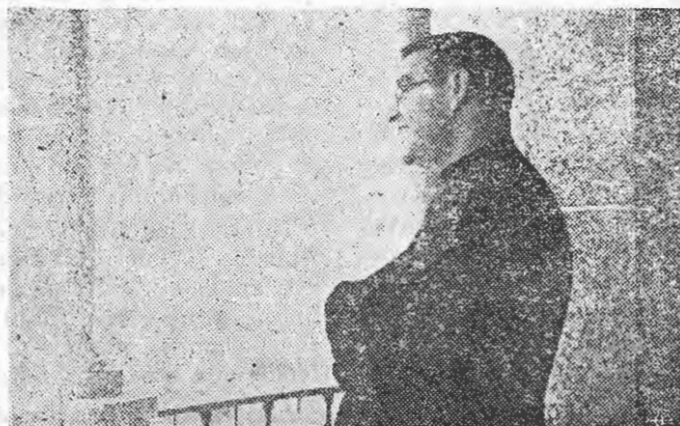
FUNDADOR  
PADRE AMÉRICO

Redacção e Administração: Casa do Gaiato - Paço de Sousa  
Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

## Facetas de uma Vida

Notas recolhidas de D. Maria Monteiro de Aguiar, por seu neto José Guilherme Brandão Borges.

O pai do Américo, vendo no seu filho um rapaz traquina embora esperto, resolveu tirá-lo do colégio e metê-lo a trabalhar numa casa de ferragens na Rua Mousinho da Silveira. O Snr. Monteiro era muito amigo do futuro patrão de seu filho e fez-lhe ver que a amizade existente entre os dois pedia que se cumprisse o seguinte:—No filho devia ver, não o filho do amigo, mas sim um estranho; e quanto aos vencimentos, nada. Só de comer, dormir, disciplina apertada e deixá-lo ir às aulas de inglês, à noite; mas, o Sr. Elísio que visse bem as horas de saída e as horas de entrada! Com esta recomendação o



Nesta varanda, embevecido, quantas vezes lhe ouvimos o assombro pelo que Deus erguera por suas mãos.

Américo seguiu para o emprego.

Tinha nessa altura 15 anos. Assim se passou algum tempo.

Um dia o Américo abeirou-

se do pai e disse-lhe que desejava ir para África para a companhia de seu irmão Jaime. O pai, que andava sempre a par da sua conduta, verificando que o filho estava agora um pouco mudado e aplicado no estudo da língua inglesa, acedeu ao pedido, ficando satisfeito por ver que o Américo, embora muito novo, já tinha algumas luzes da vida.

O Snr. Elísio é que não queria que ele o deixasse ir, em virtude de estar muito contente com o Américo. E até lhe prometeu um bom ordenado para ficar. Mas o pai sabia bem a vontade de seu filho e não acedeu, agradecendo todas as atenções.

Veio o Américo para casa com seu pai e aí este fez-lhe ver o que seria daí por diante a sua vida, pois embora ficasse junto do irmão Jaime seria sempre diferente: clima, terras desconhecidas...

O Américo embarcou em um navio que tinha um pequeno jardim, um lago com peixes e música, o que era um regalo para o Américo.

Chegou ao seu destino tendo sempre na mente as recomendações do pai. E foi para a companhia do seu irmão.

Aí começou uma nova vida, vida essa que de princípio lhe foi bastante austera, pois seu irmão, como mais velho e sabedor da sua traquinice, punha-lhe um freio. Demais, estava recomendado pelo pai: «que olhasse pelo Américo».

A primeira casa que o Américo conheceu em Lourenço Marques foi a firma Baptista & Irmão.

Morava em casa de um casal. Ele chamava-se Vicente e ela Mariana.

Gente modesta mas muito boa. Chegaram as festas do Natal. Festas da Família.

Cont. na 3.ª pág.

## NOTA DA QUINZENA

Era um operário que deixou o seu salário aquele dia e o pequenito. Este é órfão de mãe. Pai nunca o teve, posto toda a freguesia saiba muito bem quem ele é. Mas nunca o teve, nem tem. Tanto, que foi um operário que, deixando o seu ganho aquele dia, se doeu da situação e veio aqui pedir mais o pequeno.

O caso é banal. Desaparecida a mãe o rapaz ficou com uma avó, velha e pobre, que não é capaz de o educar. O rapazito é esperto; com certeza ainda não é mau.

Porém, vive sem rei nem roque; há já umas pequeninas faltas a apontar-lhe. O povo bom da freguesia teme pelo futuro.

E aquele operário, deixando o seu ganho aquele dia, veio mais o pequeno.

Veio e voltou com ele. Nós não podemos pactuar indefinidamente com o erro e a injustiça. Aquele rapaz tem pai. Toda a gente o conhece na freguesia. Ele tem meios suficientes. Senão toda, tem a maior culpa na situação do filho, que o mundo diz ilegítimo, quando é o pai que o é.

Em consciência nós não podemos preencher um lugar que tem ocupante por direito natural. Nós somos para os sem pai de verdade. Mas, quando ele existe e pode, irmãos subtrair-lhe o dever, somente porque ele o não assume por si mesmo e não há autoridade que o obrigue?...

Aquele bom operário veio e voltou com o pequeno. Não sei o que foi dizer para a sua freguesia. Eu disse-lhe isto mesmo que ora digo. E queria que ele fosse e dissesse lá. E que o povo bom da freguesia, que teme pelo futuro daquele rapaz, se dirigisse ao pai e lho repetisse e lhe desse a conhecer o que todos conhecem: que ele é pai e tem obrigações.

Se ele as não cumprisse, por suas mãos se classificava. E toda a gente saberia que o respeitável e conceituado senhor de até aqui, não o vinha sendo muito e agora não era nada digno daquele conceito.

Não há vantagem nenhuma em misturar indistintamente o bem com o mal, a Verdade com o erro. Desorienta e deixa-nos falsa noção dos valores da Justiça.

Infelizmente este caso não é singular. Nós temos alguns debaixo dos nossos tectos e sabemos de muitos.

Há mesmo exemplos de comércio com o filho de pai incógnito. Ainda há pouco nos apareceu um a quem uma tia está «arranjando» um pai, porque o pequeno lhe faz jeito na angariação de esmolas.

Que havemos de esperar destas crianças quando um dia tomarem consciência da espulsação de que foram vítimas? Revoltados ou, ainda pior, «desensibilizados» aos valores autênticos da Verdade, da Justiça, do Bem. Ou então, tristes, precocemente vencidos pela vida, como o nosso Mário Tito, que se calcula ter 16 anos e não sabe do pai, nem de mãe, nem de terra, nem de nada. Agora, que começa a encontrar-se a si mesmo, cresce-lhe o desejo de saber do seu passado. Pergunta-me, insiste, que veja eu bem nos arquivos.

E eu tenho de inventar maneiras delicadas de lhe dizer que ele não tem passado.

## UMA DATA

Treze de Maio. Dois acontecimentos. Fátima faz quarenta anos. Quarenta anos de Bispo faz o nosso Papa.

Deus seja louvado!

## O «Doutrina»

O correio de cada dia traz-nos já muitas notícias dos futuros leitores. Ele são novos assinantes a pedir. Ele velhos a lembrar. De uns e de outros, alguns vêm com o dinheirinho adiante.

A festa que Pai Américo fazia de todo este fervor!

Pois também nós queremos fazê-la. Não deixamos água na fervura, antes mais achas no fogo. Não falta muito! Esperamos entregar o primeiro no tempo prometido. Mas o fim é sempre tão custoso de aguardar! Ora tenham um bocadinho de paciência e muita cautela em se não deixar ficar para os últimos!

Em breve «Doutrina» será mais uma edição esgotada.

## Aqui, LISBOA!

Ninguém tão franco como o garoto da rua. As suas acções, porque espontâneas, traduzem sempre verdade. Não há nelas o preconceito, o estudo prévio, a coacção externa, mas só a imposição natural que as determina.

Por isso eu gosto de falar dos rapazes. Gosto de apresentá-los tais como são, sobretudo quando reivindicam leis naturais.

O Zé Cascais, como tantos infelizes que aqui arribam, viu um dia o ninho paterno desfeito. Desde então o nosso foi o dele, como de mais já o é. Ao tempo era criança, pouco consciente. Mas, os anos rodaram, o Zé cresceu e o sentido da sua situação veio à luz clara da inteligência, como a dor correspondente ao peito do rapaz. Não se conteve. Não podia mesmo concordar com tal separação. Tentou reatar o laço que o infortúnio desatou. Procura o pai, que em más condições financeiras o recebe de bom grado. Trata de lhe arranjar emprego melhor e fala com o patrão. Conquistado o pai, volta-se para a mãe. Esta não pode recusar os rogos da carne que separara da sua carne. O amor materno radica fundo.

Dias volvidos, o Cascais regressa com a nova: «Vou morar em Almada com meus pais. Já temos casa». Eu fiquei triste por vê-lo abalar, sobretudo depois de o saber tão nobre; mas ao mesmo tempo radiante com desenlace tão acertado. Extinguiu-se uma mancha, desfez-se uma mágoa e o lume de novo se acendeu num lar restaurado. Mais alegre estou pela lição que ao mundo dá um dos farrapos deixados na rua.

Há quem acuse a Igreja Católica de demasiado intransigente quanto à indissolubilidade do nó nupcial. Se o é, fundamenta-se unicamente na lei natural e no preceito divino.

Impressiona-nos dolorosamente este declinar da sociedade de hoje para o divórcio, como nos apavora a aceitação incomprometida duma união sem vínculo duradouro.

A indissolubilidade do matrimónio não é exigência forçada do cristianismo. Impõe-a a própria natureza deste contrato único.

Os filhos, como o Cascais, que um dia sofreram as consequências da rotura do laço matrimonial reclamam a perenidade daquela união para uma completa e verdadeira educação; a dignidade dos cônjuges exigem-na igualmente para uma doação inteira e recíproca.

Ora, aqui fica a lição a crepitar.

Padre Baptista

# CALVÁRIO



Temos feito ali todos os bocadozinhos disponíveis. Parece que as construções «rebatam» e «desabrocham» em ritmo de Primavera, desafiando as «construções» da Natureza.

Beire é um lugar de repouso e de beleza. Os dias não repetem os dias: há sempre novidades.

O pequenino grupo inicial do Calvário está nos acabamentos. Principiou-se já a urbanização do local. A Capela emerge do fundo verde da velha alameda de carvalhas, imponente na simplicidade das suas linhas clássicas. Custa a acreditar que fôsse um espiquero, de tanto que aquelas pedras sugerem o fim que agora lhes é dado.

Ali é Calvário. Terra de ressurreições. Até o velho espiquero meio em ruínas é «vítima» feliz do renascimento de vida que atinge tudo naquela quinta até há pouco moribunda.

Que atinge tudo. Que há-de atingir sobretudo corpos e almas, antes moribundos.

Quantos doentes irão recobrar saúde?! Quantos doentes a quem ninguém ensinara o dom da doença, hão-de aprender a cair de pé, como as árvores seculares?! Quantos desesperados do mundo, não hão-de esperar pela Vida, cheios da certeza cujo fruto é a Paz?! Que doce paladar aquelas construções em acabamento nos prometem!

\*\*\*

A nossa Capela precisa de paramentos. Paramentos adequados: velhos, simples, bons, como pede e merece um espiquero de tantas tradições e de um destino tão singular. Pai Américo já assim pediu para a capelinha românica da Casa do Gaiato de Beire. Ouviram-no pouco. Falta o paramento verde e nem todos os outros são antigos, simples e bons, como ele desejava. Ainda é tempo.

«Amigos da primeira hora», aparecem com sua «pequenina esmola». Setenta «em acção de graças por um acontecimento venturoso na vida de meu filho». Este «adubo» feito de gratidão de mãe não é nada de desprezar!

Vinte de S. Pedro do Sul. Ligaduras e bocadozinhos de linho amorosamente preparados. O que deixaram no Espelho da Moda. 500\$ de algures. O mesmo da Celeste de Lourenço Marques e 200\$ duma «comadre» do nosso Areosa, que aqui veio de visita. 50\$ da Rua de Cedofeita e cinco vezes mais de Viseu, duma sociedade Mãe-Filho. Agora esta carta:

«Aproveito a oportunidade para lhe enviar a quantia de 54\$00 que são destinados ao Calvário, em memória do Padre Américo e em sufrágio das almas do Purgatório. Eram 54\$00 «cruzeiros» do encontro de umas contas de uma senhora amiga comigo; porém, como não sou «cambista» resolvi enviar 54\$00 escudos e

assim, do que sobejar, tomarei eu também parte nessa oferta.

Do Brasil mais 500\$ de cá. 20\$ de uma Mãe, em intenção do filho que «anda longe a cumprir a vida militar». Um assinante que líquida sua assinatura manda 100\$ pró Calvário. O mesmo da mesma forma de Chaves.

Uma que acaba assim: «Desculpe o pouco mas bem sabe que eu trabalho». Se sei! O que podia dizer se não fosse mais valia que só Deus saiba!

Em sufrágio de várias almas 100\$ e mais 500\$ e outro tanto por outras duas intenções expressas na mesma carta.

Uns livrinhos e 100\$00 «da Amiguinha do Gerez». Metade de Braga dum marido que se associa à intenção da mulher.

Por intermédio do «Comercio do Porto», 50\$. O mesmo da assinante 6.582. De Moçambique, da Maria Júlia, se bem li o nome, «mais uma prestação, a terceira, das quinze que me propus enviar, se Deus me ajudar, para o Calvário».

Cincoenta e «peçam ao Pai Américo que atenda ao meu pedido». Outro tanto da Ana Maria dos C.T.T. E o dobro, de Viseu, lamentando não poder ser mais generosa... para cooperar na mais sublime instituição de caridade que conheço.

E os de todos os meses. «Um Amigo dos Pobres» com 400\$ de Janeiro a Abril.

E o «amando os homens por amor a Deus...» E a Emília para que «Deus me dê paciência para levar a minha cruz até ao fim». E de Avelal uma que começa agora. E outro do Porto que continua. E os 20\$ da «pecadora». E os 100\$ «de quem muito quer à Obra e pouco lhe pode dar». E metade de alguém que pede assim:

«Ajudem-me a obter a graça que pedi, para com mais vontade ainda contribuir mensalmente com a minha ajuda para o Calvário».

Pois mesmo sem obter a graça não é este o primeiro recado que aqui vem dar.

## Património dos Pobres

«Tudo o que nasceu de Deus vence o mundo». É por isso que o Património, tendo nascido pequenino como o grão de mostarda, ultrapassou em cinco anos agora feitos, as mil casas. Nasceu sem recursos, sem nome, sem nada daquilo que os homens procuram para estruturar solidamente as «suas» empresas. Mas como esta empresa não é dos homens...; como ela resulta, do impulso irresistível da Justiça que clama, e muito alto clamou no coração dum homem que soube bem reconhecer a origem desse clamor...; como ela nasceu de Deus... — eis porque venceu o mundo em todos os obstáculos que ele levanta, e o maior de todos, a inércia dos homens.

Mil casas. Para as duzentas mil famílias que os censos dizem não a ter parece muito pouco. E, no entanto, o seu significado transcende aquele número. O Património dos Pobres, mais do que pela obra feita vale pelo que tem movido a fazer. Pelo que tem acordado as consciências dormientes. Pelo que tem correspondido ao anseio de Justiça latente na alma do nosso povo. Daí, aquele parecer, já aqui referido, dum alto Responsável na vida nacional de que este nome «é uma bênção e uma fonte de muita graças».

Duzentas mil famílias sem habitação capaz do nome de lar. Ora neste número nem todos os casos são da mesma espécie. Há os indigentes, para os quais Pai Américo destinou o Património. Os que não têm receitas certas e garantidas. Aqueles que, mesmo depois de resolvido o problema da casa, permanecem na aventura do problema do pão. Para estes casas gratuitas; po-

bres, mas suficientes e dignas. E, além das casas, uma assistência vicentina que reabitué aqueles moradores ao uso dum vivenda humana, e lhes procure auxílios indispensáveis ao sustento.

E há uma grande maioria que tem o recurso certo de pequeninos salários, todavia, desproporcionados às rendas que por aí se pedem.

Têm-se construído muitas «casas económicas», muitas «de renda limitadas»... Mas económicas para que economias?! Trezentos ou quatrocentos escudos por uma casa onde mal cabe uma família regularmente numerosa, todos sabemos que é despesa inoportuna para a maior parte das economias familiares que estão in-

Acabo agora mesmo de chegar da barbearia, onde o Ahel me fez a barba. Há dias fui lá e ele cortou-me o cabelo. Foi a primeira vez. Que inundação de alegria eu senti! Para a Páscoa já foi ele que cortou o cabelo a todos. As pessoas de Setúbal que ofereceram a cadeira e mesa, se cá viessem nesta hora, haviam de sentir tanta ou mais alegria do que eu.

O Abel em pequenino andava pelas ruas de Coimbra sem família. Com ele eram mais quatro e formavam um grupo. Vieram todos para nossa casa. Eram aventureiros, como aventureira é toda a criança ao abandono. As vendedeiras de fruta todas os conheciam. A polícia de vez em quando tinha que andar atrás deles.

Hoje o Abel com 17 anos já trabalha sózinho na barbearia e é ainda aprendiz de serralheiro. É um rapaz difícil; refilão como os que o são. Mas temos que esperar a hora em

que Deus o toque e que ele saiba aproveitar essa hora.

Antes porém de entrar na barbearia, eu passei pelas outras salas de oficinas.

Na carpintaria cada um estava com seu trabalho em mãos. O Manuelzito, de sessenta e seis anos, a quem faleceu a mãe em pequenino e esteve morta em casa uns dias por ele ainda não saber chamar ninguém, serve agora de chefe por habilitoso que é; desenhava no chão um arco para a entrada da nitreira que andamos a construir. O Manequim estava a aparelhar madeira para fazer uma celha para a sapataria. O Zé Grilo consertava duas janelas. O Carlitos, que desde o ano passado estava em Setúbal como chefe dos pequenitos, veio aprender a carpinteiro e estava hoje pela primeira vez a olhar com atenção para a ferramenta.

Ao lado está a casa das máquinas, onde há dias foi montada uma máquina Universal, que é agora o encanto deles.

Na serralharia encontrei o Nelas, que é o chefe, a preparar uns travões novos para o nosso carro de bois. O Cabouco tinha ido à vila ao ferro e ao carvão de pedra. O Lisbon estava a tocar a máquina de furar.

Subi à alfaiataria onde o Martelo cortava um fato para o Tónio de Coimbra. O Martelo é da Figueira da Foz e era pequenino quando lhe faleceu a mãe e pouco depois o pai. Tem cá um meio irmão a quem no dia em que entrou puseram o nome de Cabo. O Rui, filho do «Entrevadinho do Almegue», como é conhecido o pai em Coimbra, e sem mãe desde poucos meses, veio aos sete meses debaixo da capa de Pai Américo para o nosso Lar de Coimbra. O Rui estava nos acabamentos de umas calças.

Logo ao pé fica a sapataria. O mestre é de fora, já que o Pião não quis seguir a arte e foi para um emprego. O Octávio, o Pascoal e o Horácio tinham sapatos em mãos.

Não posso falar da vida da nossa casa, nesta altura do ano, sem falar da vida do campo. É a mãe terra que abre as suas entranhas para nos dar os alimentos para a vida. A vida do campo é uma feição especial da nossa vida. Nós acudimos todos às necessidades à medida que elas surgem. Toda a vida de campo é feita por nós. Procuramos que todos os nossos rapazes saibam amarrar as terras e aprendam um ofício. Eles não conseguem agarrar-se só à lavoura com amor, pois vêem a precária situação dos pobres lavradores e trabalhadores rurais. Queremos que todos saibam amanhã cultivar um quintalinho que venham a ter à volta de sua casa. Que, fora das horas de trabalho na oficina ou no emprego, eles sintam alguma coisa útil a prendê-los em casa e saibam aproveitar aquilo que a terra lhes pode



Aqui, Medrões (Douro).

cluidas naquele número de duzentos mil. Daí que continuem em quartos ou partes de casa, numa promiscuidade ameaçadora de saúde do corpo e da alma, ou em barracas que dói descrever. Para estes são precisas casas suficientes para os filhos e filhas que Deus der e rendas proporcionadas aos seus salários que são na verdade bem mais limitados do que elas

parada. Assim... só com coacção, ou com «loucura» bebida no Coração de Cristo Jesus.

Ora o Património, porque nasceu de Deus, vive desta «loucura». «Esta é a vitória que vence o mundo: a nossa Fé». Pai Américo não conheceu outra arma. Não pensou. Não mediu. Ouviu o clamor da Jus-

Cont. na 4.ª página

— Continua na 3.ª página

# Cantinho dos Rapazes

«Meu bom Snr. Padre Carlos:

Meus respeitosos cumprimentos e desejos da melhor saúde, eu felizmente cá cheguei e fui bem recebido pelo Snr. Tehobaldo.

Passei pelas autoridades brasileiras e alfândega e depois fui de taxi com o meu bom amigo com destino à sua residência, aonde me pôs à vontade e trocamos impressões sobre a viagem. Em seguida mostrou-me o seu enorme apartamento que gostei intenso de percorrer. Mostrou-me também o quarto onde eu passaria a ficar e garantiu-me que ficaria com as chaves de sua casa, logo que eu estivesse encaminhado e ele sentisse a necessidade de viajar pela Europa.

Sinto-me contente pois amanhã vai-me apresentar ao meu futuro patrão e a outras pessoas suas amigas e de família. A sua vontade de me ver bem colocado e a minha força de vontade para trabalhar, estou certo, me darão forças suficientes para eu singrar com a ajuda de Deus.

Enquanto não principio a trabalhar, tenho andado a conhecer os pontos mais lindos e pitorescos da cidade. Este constante movimento e os elevadíssimos edifícios fazem-me vibrar de contentamento. Tudo diferente, costumes, tradições, o comer, o calor, enfim tudo o que eu por enquanto ainda não me queixo.

Grandes saudades eu trago tanto dos meus colegas do Lar, como não podia deixar de ser dos meus Superiores.

O Snr. Theobaldo vai-lhe escrever e garantir-lhe que eu serei bem tratado e que cumprirá aquilo que ele sempre me prometeu; para ele é uma satisfação e caso para se regozijar, pois amparar uma alma desejosa de vencer na vida é tudo quanto um homem pode desejar desde que queira e seja merecedor de tamanho conforto. Sua maneira de tratamento e confiança com que me procura aconselhar, merece de mim tanta estima e consideração que só Deus lá do Alto poderá retribuir.

Vou terminar pedindo-lhe um grande e apreciado favor: gostaria de continuar a acompanhar a leitura do nosso jornal e de saber notícias da nossa tão adorada Obra que eu trago para sempre no meu coração e não me esquecerei nunca de lhe fazer a mesma propaganda como se estivesse debaixo das suas telhas.

Desculpe os meus desabaços mas trago-os consigo porque sei quanto vale a sua amizade. Aceite um abraço amigo e sincero do servo muito grato,

Manuel Henrique (Hélio)

Porque vos passo esta carta?...

O Hélio não foi em nada um rapaz extraordinário. Procurou cumprir e cumpriu na obediência. Quando lhe entregaram um lugar de comando, ainda aí procurou cumprir e cumpriu quanto sabia e pôde. Nada fez de extraordinário. O que sempre o distinguiu foram duas virtudes naturais que lhe

abriram a porta larga que nos parece ser a que ele atravessa agora. Foram duas virtudes: a delicadeza e a gratidão.

Por onde quer que andou na venda do Gaiato, ao longo de muitos anos, deixou simpatia e saudade. Eu ouvi muitos testemunhos. Foi numa dessas terras que ele conheceu o Senhor que agora o chama e lhe dá um bom emprego no Brasil.

Nunca ele pensou numa protecção tamanha. Nem foi por amor dela que cultivou as virtudes da delicadeza e da gratidão. Porém, nunca se perde em ser bom. Cedo ou tarde a recompensa não falta. O próprio Hélio assim diz, ao falar do seu Amigo: «...para ele é uma satisfação e caso para se regozijar, pois amparar uma alma desejosa de vencer na vida é tudo quanto um homem pode desejar».

Não é fruto, pois, de uma sorte grande caída do Céu, sem mais nada, este horizonte largo que se abre ao Hélio. Ele é «uma alma desejosa de vencer na vida». Isso, muitos. Mas sabe que é preciso verificar-se uma condição: «...desde que queira e seja merecedor de tamanho conforto».

Este é o ponto de meditação que vos proponho, meus rapazes: De como Deus não dorme sobre a Justiça e não deixa de dar a vitória aos que a querem e fazem por merecê-la.

Com este conceito, Deus vos faça «homens de desejos».

## Dinheiro a render

O amor de Deus divorciado do amor do Próximo é um doce engano, uma mentira. O inverso também é verdade: não existe amor ao Próximo, sem o amor de Deus. Sem alma de Bom Samaritano a vida passar-se-á no egoísmo, na inutilidade. Ver as misérias dos nossos irmãos e «passar ao largo» não é dum cristão autêntico. Tudo tem de eeder, diante dum necessitado: a nossa pressa, os nossos negócios, os nossos bens, a nossa vida. A ajuda do Samaritano foi total: «tomou conta dele», isto é, do judeu (Samaritanos e judeus eram inimigos) roubado e espancado barbaramente, pensou-lhe as feridas, conduziu-o na sua montada para a estalagem, recomendou-o, e tudo pagou. Que mais poderia fazer, que o não tivesse feito? Jesus termina esta parábola, canonizando o Bom Samaritano, apontando-no-lo como modelo: «vai e faz tu o mesmo».

\*\*\*

«Ordins é um livro» pôs muito «dinheiro a render» nas mãos de Deus, para que aquele casal heróico pagasse as suas dívidas. Continuam a chegar donativos, fruto do amor. Pensa-se, por isso, numa casa para abrigar esta pobre, mas exemplar, família,

# Facetas de uma Vida

— Continuação da primeira pág. —

O Américo em África junto de seus amigos, Senhora Mariana e Snr. Vicente. Sentaram-se à mesa e o Américo, que era sempre alegre, nesse dia meteu a cabeça entre as mãos e assim esteve. D. Mariana ficou aflita por ver que o Américo tinha alguma coisa. Estaria doente? Faltar-lhe-ia alguma coisa? E com aflicção, como uma mãe, pois o Américo era para ela um filho, perguntou-lhe o que ele tinha. Resposta do Américo: a tristeza que sentia era pelos seus pais, pois nessa noite, véspera de Natal, ele era lembrado em sua casa e sabia que sua mãe estaria a chorar. D. Mariana, que via o seu Américo cheio de saudades, perguntou-lhe o que é que ele comia nessa noite em sua casa.

— Bacalhau cozido com batatas, rabanadas e filhós.

— Pois então hoje já não pode ser... mas amanhã assim se há-de fazer. E assim foi.

Um dia D. Mariana adoeceu gravemente e o Américo resolve interná-la no hospital em

quarto de primeira. Uns amigos chamam-lhe a atenção para o dinheiro que vai gastar, pois que o internamento da D. Mariana ficar-lhe-ia caro.

— Deixai lá — lhes responde. Ela bem o merece, pois tudo o que eu lhe fizer é pouco para aquilo que ela fez por mim.

Não lhe faltando com nada, bons médicos, os melhores, D. Mariana veio a falecer e logo atrás seu marido. O Américo sente a ausência dos seus queridos amigos e verifica que lhe deixaram ficar tudo o que tinham.

No Chinde, onde vivia nessa altura, não havia padres e o Américo vai longe buscar dois padres para os officios e entrega-lhes todo o dinheiro que tinha herdado, para as obras que esses dois padres vinham fazendo.

O desprendimento dos bens deste mundo, que mais tarde havia de ser uma das marcas principais da sua espiritualidade, já então era.

## COBRANÇA

Eu já sabia. Porém, hoje, quis certificar-me e fui ao escritório do jornal. Entre. A primeira sala deserta. A segunda, idem. Na terceira há vida, trabalha-se. É numa mesa larga. Estão Roque e Manel Coco. O primeiro de lista na mão; um rol de terras consoante a ordem das chapas na gaveta delas. Não confundir chapas com fi-

chas. Aquelas são de zinco, ou coisa parecida, com nome e morada do assinante gravados em relevo para na Citograph imprimir os endereços. São tantas quantos os assinantes. Mais de trinta mil!

Ora, como íamos dizendo, o Roque era de lista na mão. Ao lado, um monte de fichas com nota de «suspensão». Manel fazia a «transferência». Catava as chapas e botava-as fora: «Vai prós devolvidos». Até aqui tudo muito simples. Desde sempre recebemos mais ou menos jornais devolvidos. Uns, que se aborrecem. Outros, que se ausentam. Outros, ainda, que desaparecem do número dos vivos. Enfim, a vida dum jornal é assim mesmo. Porém, eu estranhava o ar grave daqueles rapazes. Haviam perdido a alegria que os caracteriza. Assisti com mais calma à «operação». Miro e remiro as fichas mal-las chapas. Então, confirmo o que vem acontecendo desde há anos. É a cobrança a fazer «sarilhos». Penso nisto e faço caixinha. Quero saber da boca deles.

— Oh Manel, estás aborrecido?

— Tenho muito que fazer!

— Está bem; mas que é isto?!

— Tenho muito que fazer!

As tantas, Roque, cabisbaixo e muito interessado na «operação» levanta-se e, em voz grossa, uma voz de trovão, responde na voz do Manel:

— Não há direito, sabes; não há direito o que muitos têm feito...

— Mas quê, os assinantes?

— Sim, os assinantes!

— Olha que se eles sabem, zangam-se.

— É verdade! Muitos devem três, quatro, cinco e seis anos e a gente espera, não os corta. Mandamos recibo à cobrança e devolvem recibo e jornal! Sem uma palavrinha à gente! Olha: «devolvido ao remetente». Vai-se a ver, é da cobrança.

Pronto. Arranquei-lhes do peito a mágoa. Uma mágoa que vem de há muito e passa de geração em geração: «Devem três, quatro, cinco e seis anos e a gente espera, não os corta. Mandamos recibo à cobrança e devolvem recibo e jornal! Sem uma palavrinha à gente!»

Ora os senhores tenham paciência. Por mor do Roque e do Manuel Coco não devolvam o recibozinho. Salvo se já haviam pago. Isto sucede. Succede sim senhor, em uma casa grande e em uma «desorganização organizada» como a nossa.

Para quem pode, há bom remédio: pagar duma só vez a bolada. Para

# Chales de ORDINS

Estas colunas, embora se digam de «chales», não o são. Antes de almas que, pela Caridade encontram maneira de dar complemento e sentido às suas vidas. Não foram muitos os leitores que, nesta quinzena, vieram, por carta e vale de correio, até Ordins. Mas, se «a alma se retrata com a pena», há cartas que revelam grandes almas. Assim, do Porto um vale de 350\$ para dois chales de 125\$. Não sei que mais apreciar, se o vale, se o remanescente com «o destino que tiverem por melhor», ou a cor «que mais lhes convier enviar, desde que seja tom escuro». A encomenda seria para duas pobres, mãe e filha, por meio do respectivo pároco de Penacova (Figueira de Lorvão). Uma carta pronta, só faltando assinar, com o sobcrito estampilhado, dizia do destino da encomenda, ficando o oferente no anonimato. Como tudo isto é belo. O pároco, aquele que todos os dias ouve e atende os gemidos dos seus queridos pobres, o intermediário. Que confiança! Quantos desejam socorrê-los e ninguém que os ajude. Que compreensão manifesta esta carta sobre a vida paroquial! Penacova «muito e muito» agradece: «realmente é uma esmola bem entregue. A sua miséria e resignação comove toda a gente. Vai-se-lhes fazendo o que se pode».

É agora «que se mostram as pessoas heróicas, verdadeiramente amigas do nosso Deus na pessoa dos pobres», escreve-se de algures. Foi «O Gaiato», «Li o apelo veemente, caloroso, cheio de dor e piedade pelas pobres mulheres que trabalham no artesanato de Ordins e Deus, que sempre se lembra dos pobres, mandou-me que enviasse para aí a quantia de 750\$, destinada à aquisição de seis chales, atenuando desta arte, posto que apenas com uma simples gotinha a crise do trabalho». Tudo isto é de quem «procura ver na pessoa dos pobres a imagem divina do nosso doce Jesus». De Olhalvo (como me é grato encontrar nestas colunas irmãos no sacerdócio de Cristo!) 200\$ para dois médios. Avelar, «sem querer desvirtuar a v/obra e ainda com o pensamento de querer ajudar» propõe um «negócio». Vamos lá a ver.

Bombarral com 80\$ um dos pequenos «se alguma coisa sobrar será para um pãozinho para uma das muitas artezas que mais dele precisam». Avança com uma dá esperanças de muitas encomendas. E, fechando, o Porto leva três chales. Com apreço, escreve-se: «desejamos o chale do tamanho maior que executam e para o mesmo dispoño da quantia de 200\$». O apreço traduz-se em obras.

É o correio mais não trouxe.

P.e Aires

## Tribuna de COIMBRA

Cont. da pág. DOIS

oferecer para o bom equilíbrio económico da sua vida.

Quando todos andam no campo, a nossa casa toma outro tom ainda mais colorido: é um formigueiro alegre na Primavera. É isto agora esta Casa do Gaiato.

Padre Horácio

quem não, também: pagar se e quando puder. Notar bem: se e quando puder. Que nem sempre se pode e nos tempos que correm... Agora devolver o jornal, não. Devolver o jornal nunca!

A gente lê por outra cartilha. Não somos o periódico aonde, para receber, há que adiantar a bolsa. Somos tão contra esta doutrina! Temos até, tamanha repugnância pela cobrança! Mas quê, o esquecimento duns, o pedido insistente de outros, a isso nas obriga. E aqui temos este mal necessário. Nada como a «desobriga» voluntária. Assim fizessem todas. E teríamos mais alegria no escritório do jornal. Não é assim Roque? Não é assim Manuel Coco?

Júlio Mendes

«O Gaiato» é como brasa Labareda, chama ardente! Queimando, desperta, abraça De amor o peito da gente!...

Que do púlpito deste jornal muitos escutem o Evangelho de Amor que Cristo deixou à Santa Igreja, Mãe de todos nós e conformem suas vidas por Ele.

P.e Aires

# Crónica de Paço de Sousa

## A NOSSA PÁSCOA

A Páscoa fez muito bem a todos nós. Foi muito proveitosa, pois todos tomamos parte directa nas cerimónias realizadas no histórico mosteiro de Paço de Sousa.

As cerimónias começaram no Domingo de Ramos, Missa cantada pelo nosso coro orfeónico.

Voltamos quase dois mil anos atrás para lembrar a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém. É a procissão dos ramos que sai da igreja, dá a volta ao claustro, adro e volta de novo à igreja para se concluírem as cerimónias que tiveram muito brilho.

De segunda a quarta feira seguintes tivemos entre nós o Senhor Arcebispo de Cádiz, Sr. D. Manuel Maria. Com as suas maneiras sempre alegres, a esbordar de simpatia e carinho, orientou com mestria a nossa preparação espiritual. A brincar nos ia falando da grandeza e sutileza de Cristo.

Que temos muitos deveres para com o mundo que espanta alguma coisa de nobre, desta família que veio revolucionar os antigos e rígidos processos de educação. Este cumprimento, é certo, mas em obediência ao temor. Quando se apaixonava livre, um mundo de coisas iam ter complicação. Francamente, reforçando as impressões de anteriores visitas deste ilustre homem, todos ficamos entusiasmados e prometemos para o futuro empregar melhor a nossa vontade para acertarmos mais. Disse que nós não somos só isto que vemos. Há mais. Muito mais superior!

Disse-nos as coisas num tom tão terno e tão meigo que nos conquista o coração:

— Oh Sr. Padre Carlos, Senhor Padre Carlos? Como seria bonito amanhã vermos em nossos altares, um rapaz de calça arregaçada e fralda de fora, um gaiato!

— Olhai oh pequenos. Vamos ser melhores, vamos!

Do coração lhe agradecemos mais este sacrificio que fez por toda esta família.

Seguiram-se, à tarde, as confissões.

Estamos na Quinta-Feira Maior. Neste dia, como vem acontecendo todos os anos foi a nossa comunhão. Começa o Sacrificio. Chegado o momento culminante, os irmãos todos se aproximam da mesa para tomar parte no banquete Eucarístico, presidido pelo próprio Deus.

Antes houve a cerimónia do Lava-pés, presidida pelo pároco da freguesia, Rev. P. Miguel, que lavou os pés a doze pobres da nossa Conferência, que representavam os discípulos de antanho.

A seguir, fomos direitinhos ao refeitório onde nos esperava magnífico jantar. Este foi presidido pelos Pobres, que eram servidos pelos confrades e pela madrinha dos gaiatos, que não pode faltar a estas reuniões familiares, que mais nos unem ao Corpo Místico.

Voltamos à igreja, onde re-

zamos e cantamos o nosso terço em adoração ao Santíssimo que agora se encontra um dos altares laterais, por o morrer despojado de tudo: «Rasgam as minhas vestes e lançam minha túnica ao vento!»

Sexta-Feira Santa! O dia de manhã foi normal. Depois do almoço rezamos o nosso terço. Descansamos um pouquinho e eram três horas quando estávamos na igreja para cantar e tomar parte nas cerimónias que o dia indicava.

No sábado também assistimos e participamos em tudo. Desde a bênção do Círio pascal, Baptismo dum catecúmeno, que entra na Igreja de Cristo pelas águas benzidas momentos antes, até à celebração da missa, a que a voz dos gaiatos fez dar bastante brilho, e o povo também participou bastante, perante alegria nossa.

Domingo da Ressurreição. Aleluia. Aleluia Ressuscitou Cristo! Depois de nos dar o exemplo deixando-se crucificar e morrer na cruz, nos deu a mostrar o Seu Poder e Glória, vencendo a Morte. Pois se Ele é Vida!

São onze horas e pouco. As campanhas tocam a dar-nos o sinal da visita do Senhor. É Ele. O mesmo que outrora percorreu os caminhos da Galileia...

Sim, são os pés d'Ele que, curvados vamos beijar com reverência e Amor.

Como todos os anos confraternizaram connosco muitos irmãos que já andam em luta no mar encapelado da vida. Vieram-nos trazer o seu abraço amigo e buscar novas energias que se irão gastando ao longo de duras batalhas.

Também tomou parte nesta nossa grande festa, a grande família boavisteira, que trouxe até nós a sua primeira categoria de futebol a qual deirontou o nosso onze brioso que perdeu por seis bolas a três mas não saíu diminuído da contenda, como se pode ver a seguir:

**Boavista Futebol Clube... 6**  
**G. D. Casa do Gaiato..... 3**

Perante muita assistência, os grupos formaram da maneira seguinte: Gaiato: Brito, Augusto, Nicolau e Carvalho; Daniel e Malaia; Oscar, Quim, Rui. C.ª Pereira e Vieira.

B. F. C.: Carlos (País), Baltazar, A. Caiado e Paiva; Alcino e Honório; Rodrigues, Artur, Manero, Guilherme e Pacheco.

O capitão do Boavista escolhe o campo e a bola de saída pertence ao Gaiato. Começa da melhor maneira. Rui toca a bola a Quim, que atraz para Daniel, este depois de fintar Guilherme endossa o esférico a Oscar que depois de dominar a defesa antagonista centra para Rui rematar de cabeça ao lado da baliza de Carlos. Agora é a vez do Boavista que toma o comando da partida e só não marca duas vezes por manifesta falta de sorte. O nosso grupo corresponde à melhor organização de jogo e capacidade física com muita energia e por vezes ainda consegue fazer suar o adversário.

Acabou a pressão do Boavista e o nosso grupo começa a ser mais visto no terreno e numa boa triangulação do flanco direito. Oscar marca o primeiro golo da partida. A assistência entusiasma-se e incita o grupo da casa. Porém, foi sol de pouca dura. Com um deslize do nosso guarda-redes o Boavista empatou. Nicolau desarma Ma-

## Património dos Pobres

Cont. da 2.ª página

tiça em seu coração. Soube bem reconhecer que ele vinha de Deus. Acreditou. Não temeu. Lançou-se. Venceu o Mundo. «Esta é a vitória...: a nossa Fé».

Por isso, nada repugna que à sombra do Património, que é «nome de bênção e fonte de muitas graças», se procurem e realizem soluções «sinceras e verdadeiramente» económicas para as economias reais da maioria incluída naquele número de duzentos mil.

É um ramo novo a brotar do velho tronco, a dizer da sua vitalidade.

Nada repugna pois, mas este rebento não há-de bulir com o primeiro, aquele que Pai Américo directa e imediatamente sonhou quando ouviu e reconheceu, vindo de Deus, o clamor da justiça que gritou no seu coração: casas gratuitas para os indigentes, o «pequenino bem» que a Igreja, qual mãe sempre solícita, possui para curar as feridas que através dos séculos Caim repete sobre Abel.

## Visado pela Comissão de Censura

nero e atraz para Brito que fica pegado ao terreno e a bola anicha-se ao fundo das malhas, com um a um no marcador. Boavista reage e sacode a nossa pressão e marca mais duas vezes e assim se chega ao intervalo.

Os grupos entram em campo para disputar os 45 minutos finais e é ainda o G. Desportivo da Casa do Gaiato que faz primeiro funcionar o marcador. Quatro a dois. Depois o Grupo visitante volta a marcar. O Boavista não contente procura aumentar o score mas a nossa defesa, com saliência para Nicolau, desfaz todos os intentos. Agora há uma grande jogada de Malaia que, depois de fintar dois defesas, dispara um forte remate de fora da grande área e esta, com o guardião visitante batido, vai de encontro ao poste. Outro remate do mesmo jogador passa a milímetros da barra transversal. Agora o jogo divide-se pelos dois campos. Ora cá, ora lá. O Boavista dá-lhe mais feição de exibição, mas o Gaiato, volta a fazer a bola tocar as malhas. Daniel aponta um livr. de canto e depois de uma confusão. Quim com o pé esquerdo dá-lhe o caminho da baliza. Quatro a três.

Entramos no período final e o Boavista carrega no acelerador, voltando a marcar por mais duas vezes, uma das quais com Pacheco em nítido e indiscutível fora de jogo.

E assim chegamos ao final deste prélio com o Boavista em vencedor por 6 bolas a 3.

Os melhores. No Boavista: Honório, Guilherme e Rodrigues.

No Gaiato: Nicolau, Malaia e Brito. Agora uma palavrinha de agradecimento para a família do Boavista, muito especialmente ao nosso grande amigo Senhor Fernando Moreira pela alegre visita que nos fizeram. Muito e muito obrigado, Boavista Futebol Clube! Os cumprimentos da grande família dos gaiatos do Pai Américo.

## DATA FESTIVA

— No próximo dia 13 faz 40 anos que foi sagrado Bispo, Sua Santidade Pio XII, chefe e Pai, em nome de Deus, de toda a família cristã. Lá estará a grande família de gaiatos à volta do Altar do Sacrificio para agradecer a Deus tão grande bem que foi dado à humanidade. É o supremo Pastor da terra, que conduz as ovelhas ao Redil de Cristo.

Muitas felicidades e Bênçãos do Céu, são os desejos de todos os gaiatos espalhados nas cinco partes do mundo!

Daniel Borges da Silva

# Do que nós necessitamos

A pequenina experiência que agora me vai crescendo deixa adivinhar a génese de muita coisa.

Pai Américo gostava de noticiar os donativos em forma de «procição». Ora este gosto com certeza lhe apareceu espontaneamente da necessidade de organizar o desfile por «irmandades», sem o que não levaríamos o recado até ao fim senão com um consumo de espaço que cada vez menos pode ser. Ora eu assim faço hoje.

Primeiro os trabalhadores e gente humilde que aí vem em excursões amealhadas tostão a tostão ao longo do ano:

Pessoal da Mobil Oil, 58\$50. Jogadores do Boavista, 800\$00. Quinhentos dos empregados do Café Imperial. 60\$00 dos Teimosos do Monte da Mira. Mais 10\$ do que estes de um grupo de Pescadores de Espinho. 415\$40 do Grémio Regional da Construção Civil. E 110\$00, «que os nossos empregados enviam sufragando a alma de F., em lugar das flores que preferiram não oferecer». São de uma firma da Rua de Santa Catarina. É gente de olhos mais abertos para a Vida, do que para a vidinha que cedo ou tarde sempre acaba com a morte.

Torna a ser gente de trabalho, mas agora no plano dirigente:

40 quilos de tinta Murágua e respectivo petrificante. O nosso transformador avariou. Não sei quem mais sofre, se nós, se a alma boa do engenheiro a que nos referimos. Pois ele lá pediu ao serralheiro e ao vendedor do óleo e a este e àquele... De si não levou nada. E a grande reparação ficou em pouco. Deus lhe pague em muitas graças para os bons filhos que lhe deu.

O Agostinho foi prá tropa, mas continua orientando a sapataria. Era preciso uma bicicleta prá ida e volta diárias. A Fábrica Nacional de Bicycletas mandou escolher... e pronto.

## BARREDO

«Olhe, não tive paciência para esperar mais tempo. Foi na quarta-feira da semana da Paixão. Rui e eu fomos dar uma volta pelo Barredo que fica tão perto de nós e que por nós é tão mal conhecido. Não podíamos escolher melhor ocasião — era o tempo da Paixão. Calvário vivo! Rosinha, o n.º 18 da rua dos Mercadores, o da «cadeirinha», outras tantas estações da via dolorosa que nos propusemos percorrer. Era um dia de sol, mas para subirmos as escadas tivemos de recorrer à luz de uma pilha. Já íamos prevenidos.

É pena que o grande mundo não conheça o Barredo: reino do sofrimento, dos heroismos...

Foi uma tarde plena. Que consolação não é para nós saber que no Barredo ficaram lábios a balbuciar orações por nós? Com certeza que o Pai do Céu não deixará de as ouvir.

«Quando cá voltarem não se esqueçam de mim», eram as palavras da despedida.

No final da nossa peregrinação passamos pelo Lar onde retemperámos as nossas energias físicas com uma «lauta» merenda.

Se Deus quiser irei para aí nos primeiros dias da próxima semana.

Cumprimentos do Rui e um abraço do seu

Manuel António.

Pano para camisas, de Espinzindo e calçado de Trancoso.

Calha a vez de três velhos e grandes amigos: 500\$ e mil de Lisboa e 15 mil do Porto.

Agora os que aparecem com uma intenção de piedade familiar: 20\$ «por alma do meu querido velhinho que faleceu em 23 passado». Outros 20\$ e «rogo-lhe a esmola de pedir por mim para que tenha forças para não pecar». E «o mais humilde dos assinantes do Gaiato com o desejo de que «N. Senhor me aumente a Fé, assim como minha mulher e filhinhos». Mil de um que volta a «carregar» sua «pedrinha» e pede uma oração pelo filho, pais e sogros. A «camisa» do Gaiato «para que meu irmão tenha a graça de Deus». E Coimbra no «2.º aniversário do falecimento de minha mãe». E Coimbra, de novo, com 20\$, «na hora mais aflita da minha vida». E eu paro aqui de transcrever a carta, que é um documento soberbo das dores de parto que esta mãe sofre até ao fim.

Um salto sobre o mar e deixemos passar África. Lourenço Marques 150\$, «como testemunho de Fé, Esperança e Gratidão por constantes graças recebidas». Também dos agradecidos é o Reino do Céu! Beira, um dador de sangue. Duas vezes herói. Uma do mato que só de longe em longe vem à Beira, com 750\$, ainda para a máquina da neta do Sr. Dias.

Sá da Bandeira, e outra vez Lourenço Marques. «por alma de minha querida mulher» e Micaíme.

Prá Joannisherg, explicitamente ou reservado por nós, como a maior necessidade: 200\$ da Borralha, dez vezes menos do assinante 15.595, 100\$ de Leça do Balio, metade do Porto, o mesmo de Setúbal e outro tanto de Aifos — Porto.

Damos lugar aos primeiros ordenados ou aumentos dos ditos. Só dois: 500\$ de «uma anónima da Foz» e 350\$ de Lisboa, duma promessa após um desemprego de alguns meses.

Os nossos pobres não são esquecidos: 100\$ da Horta — Açores e isto: «O jornal é a minha leitura predilecta. Leio nele como se fosse um livro de orações. Não calcula como espero ansiosa a vinda dele». 200\$ de algures; 500\$ «pedindo a graça do amor ao Pobre por amor de Deus»; 100\$ de Lamego e o mesmo de Lisboa da assinante 13. 582. Não faltaram uma vez mais os costumados «sócios» da «viúva dos oito filhos» e da do «filho que barrega».

Finalmente, outros que, sem destino concreto, mandam todos os meses sem mostras de cansaço. São o Artur e Jorge Manuel e António Carlos e os «dois amargurados» e os irmãos Vale de Figueira e o Mercado do Bom Sucesso e o assinante 21.457 «que pede a Deus que o Pai Américo, lá do Céu, continue velando pelos seus gaiatos e pelos seus pobres. Deus nos abençoe a todos». Assim seja.

## Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

«Cá estou eu acompanhada do respectivo vale para a Conferência», assim diz a carta da conhecida e perisistente Senhora A. F., do Porto. Um nadinha depois aparece alguém no Espelho da Moda — é o ou a assinante 33.580 — e deixa 25\$. E mais 10\$00 também no Espelho da Moda, oferta de A. C. S., que nos parece repetir-se muitas vezes. Agora, segue Coimbra com o dobro, pela mão da assinante 15.595. Atenção Lisboa: «5.ª prestação mensal (100\$00) da minha dívida, graças a Deus. Espero continuar, pois ainda me faltam muitas. Deus queira que tenham recebido todas». Eu não sei como têm vindo as prestações: se em vale, se em carta, se que; o certo é que se forem endereçadas à nossa Conferência — e isto é importante numa casa onde há uma data de «montes»: ele Património, ele Conferência, ele Casa do Gaiato, ele Calvário, ele contas da tipografia, ele assinaturas do jornal, ele assinaturas de livros, ele não sei que mais — certamente figuram em nossas crónicas publicadas.

Júlio Mendes